

A Confissão de Fé de Westminster e a Lógica

por W. Gary Crampton, Th.D.

Na Confissão de Fé de Westminster (1:6), lemos:

Todo o conselho de Deus concernente a todas as coisas necessárias para a glória dele e para a salvação, fé e vida do homem, ou é expressamente declarado na Escritura ou pode ser lógica e claramente deduzido dela. À Escritura nada se acrescentará em tempo algum, nem por novas revelações do Espírito, nem por tradições dos homens”.

B. B. Warfield, comentando sobre essa seção da Confissão, escreve:

Deve ser observado, contudo, que os ensinamentos e prescrições da Escritura não estão confinados pela Confissão ao que é ‘expressamente declarado na Escritura’. É requerido que os homens creiam e obedeçam não somente o que é ‘expressamente declarado na Escritura’, mas também no que ‘pode ser lógico e claramente deduzido dela’. Essa é a vigorosa e universal alegação da teologia Reformada contra os Socinianos e Arminianos, que desejavam confinar a autoridade da Escritura às suas asseverações literais; e ela envolve uma característica que honra a razão como o instrumento para a averiguação da verdade. Devemos depender das faculdades humanas para averiguar o que a Escritura diz; não podemos subitamente abnegá-las e recusar a orientação delas na determinação do que a Escritura quer dizer. Isto não é, certamente, fazer da razão o fundamento da autoridade de doutrinas e deveres inferidos. A razão é o instrumento de descoberta de todas as doutrinas e deveres, quer ‘expressamente declarado na Escritura’ ou ‘lógico e claramente deduzido dela’: mas a autoridade delas, quando descobertas, é derivada de Deus, que as revela e prescreve na Escritura, quer por asseveração literal ou por implicação necessária.

É a alegação Reformada, refletida pela Confissão, que o sentido da Escritura é Escritura, e que os homens estão limitados pelo sentido inteiro em todas as suas implicações. A reparação em recentes controvérsias da alegação que a autoridade da Escritura deve ser confinada às suas declarações literais, e que não se pode confiar na lógica humana nas coisas divinas, é, portanto, uma negação direta de uma posição fundamental da teologia Reformada, explicitamente afirmada na Confissão, bem como uma abnegação da razão fundamental, que não somente tornaria o

pensamento num sistema impossível, mas envolveria logicamente a negação da autoridade de toda a doutrina da Trindade, visto que nenhuma doutrina, seja qual for a sua simplicidade, pode ser averiguada a partir da Escritura, exceto pelo processo de entendimento. É, portanto, um incidente desprezível que a recente alegação contra o uso da lógica humana em determinar a doutrina tem sido mui claramente apresentada para justificar a rejeição de uma doutrina que é explicitamente ensinada, e que repetidamente de uma doutrina que está explicitamente na própria letra da Escritura; se a alegação é válida de alguma forma, ela destrói de uma só vez nossa confiança em todas as doutrinas, nenhum das quais é averiguada ou formulada sem a ajuda da lógica humana.¹

O que Warfield está asseverando (e concordando) é que os teólogos de Westminster tinham uma alta visão da lógica. A lógica, lógica humana, diz a Confissão (e Warfield também), é uma ferramenta necessária para ser usada no estudo e exposição da Palavra de Deus. De fato, o uso apropriado da lógica era tão importante para os teólogos, que eles requeriam que os ministros do evangelho fossem treinados nessa área antes da ordenação. Na seção intitulada “A Forma de Governo da Igreja”, lemos que uma parte do exame de ordenação verificava “se ele [o candidato] tinha habilidade em lógica e filosofia”.

Warfield não foi o único que entendeu a importância da lógica. Outro teólogo do século vinte, James O. Buswell, diz: “Quando aceitamos as leis da lógica, não estamos aceitando leis externas a Deus, às quais ele deve se sujeitar, mas estamos aceitando leis de verdade que foram derivadas do caráter santo de Deus”. E séculos antes Agostinho escreveu: “A ciência do raciocínio é de grande serviço na busca e resolução de todos os tipos de questões que surgem na Escritura... A validade das seqüências lógicas não é uma coisa inventada pelos homens, mas é observada e notada por eles, para que possam ser capazes de aprender e ensiná-la; pois ela existe eternamente na razão das coisas, e tem sua origem em Deus”.²

O que Buswell e Agostinho estão dizendo é que a lógica é eterna; ela não é criada; ela “tem sua origem em Deus”. Ou como o teólogo e filósofo do século vinte, Gordon Clark, escreveu: “A lógica é fixa, universal, necessária e insubstituível... [pois] Deus é um ser racional, a arquitetura de cuja mente é a lógica”.³

¹ Benjamin B. Warfield, *The Westminster Assembly and Its Work* (Edmonton, Canada: Still Waters Revival Books, 1991), 226, 227.

² Citado em Elihu Carranza, *Logic Workbook for Logic by Gordon H Clark* (Jefferson, Maryland: The Trinity Foundation, 1992), 97, 99.

³ Gordon H. Clark, *The Trinity Review* (November/December, 1980), edited by John W. Robbins, 4.

Algumas Visões Aberrantes de Lógica

Apesar da importância do uso apropriado da lógica para o entendimento de Deus e de sua Palavra, há inúmeros teólogos e filósofos modernos que depreciam a lógica. Eles ensinam que não há ponto de contato entre a lógica divina e a lógica humana. Aqui nós temos o que Ronald Nash chama de “a revolta religiosa contra a lógica”.⁴ E a revolta não advém somente do campo neo-ortodoxo. Alguém esperaria homens tais como Karl Barth, Emil Brunner e Thomas Torrance para tomar tal posição irracional. Apesar de tudo, a neo-ortodoxia é conhecida como a “teologia do paradoxo”, na qual a fé deve “controlar” a lógica. Mas esse espírito difundido de misologia⁵ tem infligido até mesmo aqueles que não fazem nenhuma reivindicação à neo-ortodoxia.

Herman Dooyeweerd, por exemplo, declara que há uma “fronteira” que existe entre Deus e o cosmos. As leis da lógica, de inferência válida, que são aplicáveis sob a fronteira, não têm qualquer aplicação com respeito a Deus. Então há Donald Bloesch, um famoso (assim chamado) teólogo evangélico. Em seu livro *Holy Scripture: Revelation, Inspiration & Interpretation*,⁶ Bloesch nega abertamente que haja qualquer ponto de contato entre a lógica de Deus e a lógica humana (121, 293). A verdade da revelação bíblica, diz o autor, nunca pode “ser adquirida através de métodos analíticos de lógica formal” (55). Bloesch reconhece francamente que “eu me apartei de alguns dos meus colegas evangélicos no fato de eu entender o conteúdo divino da Escritura não como um ensino racionalmente compreensível, mas como o mistério da salvação declarado em Jesus Cristo” (114). Com ceticismo, ele vai mais adiante para dizer que a “revelação não pode ser assimilada num sistema de verdade compreensivo e racional” (289). Aparentemente o Dr. Bloesch é mais neo-ortodoxo do que ele está disposto a admitir.

Tristemente, a “revolta religiosa contra a lógica” se estende para o campo da ortodoxia genuína também. Edwin H. Palmer, por exemplo, ensina que a doutrina da soberania absoluta de Deus e a responsabilidade do homem é um paradoxo lógico. Ela não pode ser resolvida diante do tribunal da razão humana. O Calvinista, diz Palmer, “em face de toda lógica”, crê que ambos os lados do paradoxo são verdadeiros, embora ele “perceba que o que ele advoga é ridículo”.⁷

Então há Cornelius Van Til. Dr. Van Til é bem conhecido por sua afirmação de que a Bíblia é cheia de paradoxos lógicos. John Robbins,

⁴ Ronald H. Nash, *The Word of God and the Mind of Man* (Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1982), Capítulo 9.

⁵ Nota do tradutor: Ódio ao raciocínio, à lógica.

⁶ Donald G. Bloesch, *Holy Scripture: Revelation, Inspiration & Interpretation* (Downers Grove, Illinois: Intervarsity Press, 1994).

⁷ Edwin H. Palmer, *The Five Points of Calvinism* (Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1972), 85.

em seu *Cornelius Van Til: The Man and the Myth*,⁸ cita inúmeros exemplos da depreciação de Van Til da lógica. Por exemplo, a despeito do fato de que a Bíblia ensina que Deus não é o autor de confusão (1 Coríntios 14:33), o Dr. Van Til mantém que “todo ensino da Escritura é aparentemente contraditório” (25). Ele frequentemente fala da lógica (não o mal-uso da lógica, mas da própria lógica) de uma maneira depreciativa. Ele fala de “logicismo” e “as categorias estáticas da lógica”. E com referência à declaração citada acima, Van Til diz: “Essa declaração não deve ser usada como uma justificação para exegese dedutiva” (24,25). Todavia, a exegese dedutiva é precisamente o que a Confissão está endossando.

Ronald Nash também vê o problema com Van Til e sua depreciação da lógica humana. Nash escreve: “Certa vez perguntei a Van Til se quando algum ser humano sabe que 1 mais 1 é igual a 2, se o conhecimento do ser humano é idêntico ao conhecimento de Deus. Eu pensei que a questão era inocente o suficiente. A única resposta de Van Til foi sorrir, dar de ombros, e declarar que a questão era imprópria no sentido de que ela não tinha resposta. Ela não tinha resposta porque qualquer resposta proposta presumiria o que é impossível para Van Til, a saber, que as leis como aquelas encontradas na matemática e na lógica aplicam-se além da fronteira [Dooyeweerdiana]”.⁹ Em outras palavras, diferentemente de Warfield, Buswell, Agostinho, Clark, e os teólogos de Westminster, Van Til, como Herman Dooyeweerd, assume que as leis da lógica são criadas antes do que eternamente existentes na mente de Deus.

A Visão Bíblica da Lógica¹⁰

A Bíblia ensina que Deus é um Deus de conhecimento (1 Samuel 2:3; Romanos 16:27). Sendo eternamente onisciente (Salmo 139:1-6), Deus não é somente a fonte de seu próprio conhecimento, mas ele é também a fonte e o determinador de toda verdade. O que é verdade é verdade porque Deus pensa assim. Como a Confissão de Westminster (1:4) diz, Deus “é a própria verdade”. E visto que o que não é racional não pode ser verdade (1 Timóteo 6:20), segue-se que Deus deve ser racional; as leis da lógica são o modo como ele pensa.

Isto é, certamente, o que a Bíblia ensina. Deus não é o autor de confusão (1 Coríntios 14:33), ele é um ser racional, o Senhor Deus da verdade (Salmos 31:5). A Bíblia fala tanto de Deus como um Deus de

⁸ John R. Robbins, *Cornelius Van Til: The Man and the Myth* (Jefferson, Maryland: The Trinity Foundation, 1986). As citações usadas aqui são tomadas do livro de Robbins, onde alguém pode encontrar também o título e o número da página das declarações de Van Til. Até onde eu pude determinar, Robbins citou Van Til com exatidão.

⁹ Nash, *op. cit.*, 100.

¹⁰ Muito desse artigo a partir desse ponto seguirá o artigo “God and Logic” de Gordon H. Clark, *The Trinity Review* (Novembro/Dezembro, 1980).

lógica, que em João 1:1 Jesus Cristo é chamado a “Lógica” de Deus: “No princípio era o *Logos*, e o *Logos* estava com Deus, e o *Logos* era Deus” (a palavra lógica é derivada da palavra grega *Logos* usada nesse versículo). João 1:1 enfatiza a racionalidade de Deus o Filho. A Lógica é tão eterna como o próprio Deus, pois “o *Logos* é Deus”. Por conseguinte, Deus e lógica não podem ser separados; lógica é a característica do pensamento de Deus. Nas palavras de Clark: “Deus e lógica são um e o mesmo primeiro princípio, pois João escreve que a Lógica era Deus”.¹¹

Isso nos dará um maior entendimento da relação entre a lógica e a Escritura. Visto que a Lógica é Deus, e visto que a Escritura é uma parte da “mente de Cristo” (1 Coríntios 2:16), segue-se que a Escritura deve ser lógica. O que é dito na Escritura é o pensamento infalível e inerrante de Deus. Ela expressa a mente de Deus, pois Deus e a sua Palavra são um. Por conseguinte, como a Confissão (1:5) ensina, a Bíblia é um livro logicamente consistente: há um “consentimento de todas as partes”. Esse é o porquê Paulo pôde “arrazoar” com pessoas “a partir das Escrituras” (Atos 17:2).

Além disso, a lógica está inserida na Escritura. O primeiro versículo da Bíblia, “no princípio Deus criou o céu e a terra”, necessita a validade da lei da lógica mais fundamental: a lei da contradição (A não é não-A). Gênesis 1:1 ensina que Deus é o Criador de todas as coisas. Também, a passagem diz que ele criou “no princípio”. Ela não ensina, portanto, que Deus não é o Criador de todas as coisas, e não mantém que Deus criou todas as coisas 100 ou 1000 anos após o princípio. Esse versículo assume que as palavras de Deus: criou, princípio, e assim por diante, têm, todas elas, significados definidos. Para um discurso ser inteligível, as palavras devem ter significados não-ambíguos. O que faz as palavras terem significado e a revelação e a comunicação serem possíveis, é que cada palavra se conforma à lei da contradição.

Essa mais fundamental das leis da lógica não pode ser provada. Pois qualquer tentativa de provar a lei da contradição pressuporia a verdade da lei e, portanto, seria uma falácia lógica. Colocando de uma forma simplificada: não é possível raciocinar sem usar a lei da contradição. Nesse sentido, as leis da lógica são axiomáticas. Mas elas são axiomáticas somente porque elas estão fixadas ou inseridas na Palavra de Deus.

Também fixada na Escritura estão os dois outros princípios da lei da lógica: a lei da identidade (A é A) e a lei do terceiro excluído (A é B ou não-B). A primeira é ensinada em Êxodo 3:14, no nome do próprio Deus: “EU SOU O QUE SOU”. E a última é encontrada, por exemplo, nas palavras de Cristo: “Quem não é por mim é contra mim” (Lucas 11:23).

¹¹ Ibid., 2.

A lógica, então, está inserida na Escritura. Esse é o porquê a Escritura, antes do que a lei da contradição, é selecionada como o ponto de partida axiomático da epistemologia cristã. Similarmente, Deus não é feito o axioma, pois todo o nosso conhecimento de Deus vem da Escritura. “Deus” como um axioma, sem a Escritura, é meramente um nome. A Escritura, como o axioma, define Deus. Esse é o porquê a Confissão de Fé de Westminster começa com a doutrina da Escritura no capítulo 1. Os capítulos 2-5, sobre a doutrina de Deus, vêm depois.

Como somos ensinados na Bíblia, o homem é a imagem e glória de Deus (Gênesis 1:27; 1 Coríntios 11:7). Deus “formou o homem do pó da terra, e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente” (Gênesis 2:7). Adão se tornou um tipo de alma que é superior àquela dos animais não-rationais (2 Pedro 2:12; Judas 10). O homem, como portador da imagem de Deus, é um ser racional (Colossenses 3:19). Novamente, esse é o porquê o apóstolo Paulo pôde gastar tempo “arrazoando” com seu auditório “a partir das Escrituras” (Atos 17:2).

Em adição, porque Cristo é o *Logos* que “dá luz [epistemológica] a todo homem que vem ao mundo” (João 1:9), entendemos que há um ponto no qual a lógica do homem encontra a lógica de Deus. De fato, João 1:9 nega que a lógica seja arbitrária (como afirmado por Friedrich Nietzsche, John Dewey e Jean-Paul Sartre); a passagem nega também o polilogismo, isto é, que pode haver muitos tipos de lógica (como afirmado pelo multi-culturalismo). De acordo com João, há somente um tipo de lógica: a lógica de Deus. E o *Logos* dá a todo portador da imagem de Deus a capacidade de pensar logicamente.

O homem, então, tem a capacidade de pensar logicamente, de se comunicar com Deus, e ter Deus comunicando com ele. Deus criou Adão com uma mente estruturada de uma maneira similar a sua. Na Escritura, Deus deu ao homem uma mensagem inteligível: “palavras de verdade e razão” (Atos 26:25). Deus também deu ao homem linguagem que o capacita a conversar racionalmente com o seu Criador (Êxodo 4:11). Tal pensamento e conversação não seria possível sem as leis da lógica. A lógica é indispensável para todo pensamento e discurso humano (dado por Deus). Esse sendo o caso, devemos insistir que não existe nenhuma “mera lógica humana” como contrária à lógica divina. Tal pensamento falacioso presta desserviço ao *Logos* do próprio Deus.

Alguém pode argumentar aqui que a queda do homem tornou a lógica defeituosa. Mas esse não é o caso. Os efeitos noéticos do pecado realmente atrapalham a capacidade do homem raciocinar corretamente (Romanos 1:21), mas isso de forma alguma implica que as próprias leis da lógica sejam influenciadas. Clark escreve:

“A lógica, a lei da contradição, não foi afetada pelo pecado. Mesmo que alguém constantemente viole as leis da lógica, elas não são menos

verdadeiras do que se alguém constantemente as observasse. Ou, para usar outro exemplo, não importa quanto erros de subtração possam ser encontrados nos nossos talões de cheque, a matemática em si não é afetada”.¹²

Como temos visto, as leis da lógica estão eternamente fixadas na mente de Deus, e elas não podem ser afetadas; elas são eternamente válidas.

Conclusão

John Robbins disse corretamente que “não há ameaça maior confrontando a igreja Cristã no final do século vinte do que o irracionalismo que agora controla toda a nossa cultura... O hedonismo e humanismo secular não devem ser temidos tanto quanto a crença de que a lógica, ‘a mera lógica humana’, é uma ferramenta não confiável para o entendimento da Bíblia”.¹³

Para evitar o irracionalismo, que em efeito nega que o homem seja a imagem e glória de Deus, devemos retornar à teologia do *Logos* dos teólogos de Westminster. Devemos insistir que a lógica e a verdade são a mesma para o homem bem como para Deus. Isso não é dizer que o homem conhece tanto a verdade quanto Deus a conhece. Deus é onisciente; ele é a própria verdade, e o que é verdade é verdade simplesmente porque ele pensa dessa forma. Esse, certamente, não é o caso do homem. Enquanto a verdade para Deus é intuitiva, o homem aprende a verdade discursivamente. Mas é a mesma verdade. Esse é necessariamente o caso, pois Deus conhece toda a verdade, e a menos que o homem conheça o que Deus conhece, suas idéias não podem ser verdade. É essencial, então, manter que há uma coincidência entre a lógica e a verdade de Deus e a lógica e a verdade do homem. Deus pensa logicamente e ele chama o homem a fazer o mesmo.

Gordon Clark diz isso dessa forma:

O Cristianismo reivindica que Deus é o Deus da verdade; que ele é sabedoria; que seu Filho é o seu Logos, a lógica, a Palavra de Deus. O homem foi criado um ser racional de forma que ele pudesse entender a mensagem de Deus para ele... O Cristianismo é uma religião racional. Ele tem um conteúdo apreensível intelectualmente. Sua revelação pode ser entendida.¹⁴

¹² Gordon H. Clark, *A Christian View of Men and Things* (Jefferson, Maryland: The Trinity Foundation, 1952, 1980), 299.

¹³ Robbins, *op. cit.*, 39.

¹⁴ Citado no livro *The Philosophy of Gordon H. Clark* (Philadelphia, Pennsylvania: Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1968), edited by Ronald H. Nash, 137.

O que devemos fazer? Como Robbins declara, precisamos “abraçar com paixão os ideais escriturísticos de clareza tanto em pensamento como em discurso; reconheçamos, com Cristo e a Assembléia de Westminster, a indispensabilidade da lógica... e defendamos a consistência e inteligibilidade da Bíblia. Então, e somente então, o Cristianismo terá um futuro brilhante e glorioso na América e por toda a terra”.¹⁵

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto

felipe@monergismo.com

Cuiabá-MT, 04 de Setembro de 2005

¹⁵ Robbins, *op. cit.*, 40.